**MINISTÉRIO DA DEFESA**
**EXÉRCITO BRASILEIRO**
**ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO**
**(Es Apl Sv Sau Ex / 1910)**

1º Ten Alu RONALDO SOARES DE **MOURA FILHO**

# Técnicas de progressão e tiro em combate urbano

**RIO DE JANEIRO**
**2021**

1º Ten Alu RONALDO SOARES DE **MOURA FILHO**

# Técnicas de progressão e tiro em combate urbano

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde do Exército, como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares.

Orientador(a): 1º ten Gabriel **Lobo** Ferreira

**RIO DE JANEIRO**
**2021**

CATALOGAÇÃO NA FONTE
ESCOLA DE SAÚDE DO EXÉRCITO/BIBLIOTECA OSWALDO CRUZ

M929t Moura Filho, Ronaldo Soares de.
Técnicas de progressão e tiro em ambiente urbano. – 2021.
47 f
Orientador: 1º Ten Gabriel Lobo Ferreira.
Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) – Escola de Saúde do Exército, Programa de Pós-Graduação em Aplicações Complementares às Ciências Militares, 2021.
Referências: f. 46-47.

1. TÉCNICAS DE PROGRESSÃO. 2. TÉCNICAS DE TIRO. 3. AMBIENTE URBANO. I. Ferreira, Gabriel Lobo (Orientadora). II. Escola de Saúde do Exército. III. Técnicas de progressão e tiro em ambiente urbano.

CDD: 303.61

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial deste trabalho.

_____

1º Ten Alu Moura Filho

RONALDO SOARES DE **MOURA FILHO**

**Técnicas de progressão e tiro em combate urbano**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Saúde do Exército, como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização em Aplicações Complementares às Ciências Militares.

Orientador(a): 1º Ten Gabriel **Lobo** Ferreira

Aprovada em de de 2021.

**COMISSÃO DE AVALIAÇÃO**

_____

Gabriel Lobo Ferreira
Orientador(a)

_____

Otávio Augusto Brioschi Soares
Avaliador

_____

Fernanda Vieira Costa Orlandini
Avaliador

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Escola de Saúde do Exército por me dar a oportunidade de ingressar em tão nobre carreira fazendo parte da última turma de saúde formada no solo de Benfica-RJ. Agradeço aos instrutores por toda dedicação e zelo para com nossa formação militar. Agradeço aos colegas pela camaradagem e apoio para que tivéssemos um ano agradável e engrandecedor. Agradeço à minha esposa e meu filho pela eterna compreensão e suporte.

**RESUMO**

**Introdução:** O exército brasileiro tem como objetivo constitucional a defesa da Pátria, a garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem. Estando há décadas sem envolvimento com guerras e sem a necessidade de intervir politicamente na garantia dos três poderes, seu emprego tem sido marcado pela participação em operações com ênfase na garantia da lei e da ordem (GLO) e em missões de paz da Organização das Nações Unidas (ONU). Essas operações são consideradas de Não-Guerra e têm em comum a atuação da Força Terrestre no combate em áreas urbanas. **Objetivos Gerais:** Este trabalho tem por finalidade abordar as principais características do combate em ambiente urbano, contextualizar com exemplos internacionais e identificar as principais técnicas de progressão, infiltração e tiro, assim como o tipo de armamento e munição adequados a esse tipo de ambiente. **Metodologia:** Foi utilizado como metodologia a pesquisa qualitativa em revisão de literatura. **Conclusão:** O combate urbano requer o adestramento de tropas especializadas, planejamento tático e operacional, seleção de material bélico apropriado, logística e comunicação, otimização técnica de infiltração e progressão de tropas, além de técnicas de tiro pelas tropas especializadas. Sendo assim, devido ao crescente acionamento das forças armadas para operações de Garantia da Lei e da Ordem, bem como Missões de Paz internacionais, faz se necessário o estudo e preparo de nossas tropas para que esteja sempre apta ao pronto acionamento para missões com maiores condições de êxito e segurança, tanto aos militares, quanto à população civil.

**Palavras-chave:** Técnicas de Progressão. Técnicas de tiro. Combate em ambiente urbano.

**ABSTRACT**

**Introduction:** The Brazilian Army has as constitutional objective the defense of the homeland, the guarantee of the constitutional powers and, by initiative of any of these, of law and order. For decades it has not been involved in wars and has not needed to intervene politically to guarantee the three powers. Its employment has been marked by its participation in operations with emphasis on guaranteeing law and order (GLO) and in United Nations (UN) peacekeeping missions. These operations are considered non-warfare operations and have in common the participation of the Land Force in combat in urban areas. **General Objectives**: The objective of this work is to approach the main characteristics of combat in urban environments, to contextualize them with international examples and to identify the main techniques of progression, infiltration and shooting, as well as the type of weaponry and ammunition adequate for this type of environment. **Methodology:** Qualitative research in literature review was used as methodology. **Conclusion:** Urban combat requires the training of specialized troops, tactical and operational planning, selection of appropriate weapons, logistics and communication, optimization of infiltration techniques and troop progression, as well as shooting techniques for specialized troops. Thus, due to the increasing deployment of the armed forces for Law and Order operations, as well as international Peace Missions, it is necessary to study and prepare our troops so that they are always ready for ready deployment for missions with greater conditions for success and safety, both for the military and the civilian population.

**Keywords:** Progression techniques. Shooting techniques. Combat in urban environment.

**SUMÁRIO**


| | | |
|---|---|---|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 | METODOLOGIA..... | 10 |
| 3 | PECULIARIDADES DO COMBATE EM AMBIENTE URBANO..... | 11 |
| 4 | ASPECTOS RELEVANTES DE OPERAÇÕES DE GLO..... | 12 |
| 5 | CARACTERÍSTICAS SOCIO-GEOGRÁFICAS DAS FAVELAS ..... | 12 |
| 6 | EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS..... | 15 |
| 6.1 | CONFLITO DE MOGASDÍCIO (1993) ..... | 15 |
| 6.2 | BATALHA DE GROSNY..... | 16 |
| *6.3* | CONFLITO DE FALLUJAH (2004) ..... | 16 |
| *6.4* | PACIFICAÇÃO DO HAITI (2004-2017) ..... | 17 |
| 7 | TÉCNICAS DE PROGRESSÃO ..... | 18 |
| 7.1 | NÍVEL ESTRATÉGICO ..... | 18 |
| 7.2 | NÍVEL TÉCNICO-OPERACIONAL ..... | 22 |
| 8 | TÉCNICAS DE ASSALTO ..... | 24 |
| 9 | INFILTRAÇÃO ..... | 25 |
| 10 | PATRULHA EM ÁREA URBANA ..... | 29 |
| 11 | EMBOSCADAS ..... | 31 |
| 12 | INFILTRAÇÃO A EDIFICAÇÕES ..... | 33 |
| 13 | TÉCNICAS DE OBSERVAÇÃO ..... | 35 |
| 14 | PROGRESSÃO ..... | 37 |
| 15 | POSIÇÕES DE TIRO ..... | 38 |
| 16 | ARMAS E MUNIÇÕES IDEAIS ..... | 44 |
| 17 | CONCLUSÕES ..... | 46 |
| 18 | REFERÊNCIAS..... | 46 |

# Técnicas de progressão e tiro em combate urbano

RONALDO SOARES DE MOURA FILHO[1]
GABRIEL LOBO FERREIRA[2]

## 1. INTRODUÇÃO

O exército brasileiro tem como objetivo constitucional a defesa da Pátria, a garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem (BRASIL,1988). Estando há décadas sem envolvimento com guerras e sem a necessidade de intervir politicamente na garantia dos três poderes, o emprego do Exército Brasileiro tem sido marcado pela participação em operações com ênfase na garantia da lei e da ordem (GLO) e em missões de paz da Organização das Nações Unidas (ONU) (OLIVEIRA, 2019).

Assim, destaca-se a atuação da Força Terrestre durante a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (2004-2017), a Força de Pacificação nos Complexos da Penha e do Alemão, Rio de Janeiro em 2011 (Operação Arcanjo) e a Intervenção Federal de Segurança Pública no Rio de Janeiro (GLO), em 2018.

Essas operações são consideradas de Não-Guerra e têm em comum a atuação da Força Terrestre em áreas humanizadas, ou seja, um combate em área urbana. No entanto, diante da complexidade do planejamento, pelo emprego de manobras ofensivas e, principalmente, pela letalidade do armamento utilizado tanto pelas Forças Adversas ou Agentes Perturbadores da Ordem Pública como pela própria tropa federal, essas operações apresentaram características de guerra, gerando, portanto, uma necessidade de desenvolvimento da doutrina específica de combates urbanos em situação de guerra.

Este trabalho tem por finalidade abordar as principais características do combate em ambiente urbano, contextualizar com exemplos internacionais e identificar as principais técnicas de progressão, infiltração e tiro, assim como o tipo de armamento e munição adequados a esse tipo de ambiente.

## 2. METODOLOGIA

O presente trabalho valeu-se da pesquisa qualitativa em revisão de literatura, abordando diversos assuntos e variados enfoques. Entretanto, a pesquisa focou nos

[1] Médico Cirurgião Vascular, 1º Tenente, Escola de Saúde do Exército.
E-mail: ronaldosmourafilho@gmail.com
[2] Bacharel em Ciências Militares, 1º Tenente, Escola de Saúde do Exército.

aspectos da operacionalidade, razão pela qual buscou-se vasta bibliografia existente nos mais diversos meios, em particular livros, internet, monografias, dissertações e artigos publicados em produções tanto civis quanto militares.

## 3. PECULIARIDADES DO COMBATE EM AMBIENTE URBANO

O combate urbano contemporâneo apresenta algumas características comuns: reduzem as vantagens tecnológicas do inimigo, ampliam as necessidades de assistência humanitária e da evacuação de não combatentes e podem ser mais prolongadas que as operações em outras áreas.

A manobra é frequentemente canalizada, há uma grande dificuldade de comando e controle e a complexidade da área urbana geralmente oferece ao defensor vantagens diversas e a capacidade de manter a iniciativa.

Há, ainda, necessidade de grande emprego da Inteligência Militar e da realização de reconhecimentos, a fim de obter informações sobre a capacidade do inimigo e seus meios utilizados.

O emprego combinado de Armas e a grande necessidade de aliar proteção blindada a Infantaria. “Embora não garantam o sucesso nos ambientes urbanos, as forças blindadas oferecem uma probabilidade de sucesso muito maior do que as forças terrestres que operam sem elas.” (OLIVEIRA, 2019).

Uma peculiaridade contemporânea do combate urbano é a presença da **mídia instantânea** no campo de batalha, influenciando de forma prevalente nas decisões políticas. Trata-se de um ambiente urbano com presença massiva de civis e sob olhares atentos das mídias nacional e internacional, havendo incontáveis celulares com câmera que podem registrar uma operação desproporcional, levando uma Força Armada ao julgamento moral e a uma condenação estrategicamente premeditada (COSTA, 2012).

Dessa forma, podemos pontuar os principais aspectos do combate urbano contemporâneo:

- As cidades podem reduzir as vantagens da força tecnologicamente superior;
- As operações em terra podem tornar-se intensivas;
- Operações são demoradas;
- Podem resultar em grandes proporções de vítimas civis e militares
- As operações podem ter limitações operacionais mais restritivas
- Dificuldade de infiltração
- Dificuldade de evacuação

## 4. ASPECTOS RELEVANTES DE OPERAÇÕES DE GLO

Já se ultrapassam mais de 20 anos que o EB vem sendo intensivamente testado, em ações de cunhos específicos de atuação em ambiente urbano, realizando cerco e investimentos em favelas, no estabelecimento de Postos de Controle de Trânsitos, nos acessos às cidades e nos patrulhamentos das suas vias interiores, guarnecendo pontos sensíveis e debelando turbas.

O processo de adaptação das Operações de Defesa Interna, fez com que houvesse uma evolução doutrinária do emprego para que se chegasse ao Manual de Campanha C 85-1, de 2010 de Operações de Garantia da Lei e da Ordem, que norteia muito eficientemente como planejar e operar em um quadro desta necessidade. Um laboratório para o emprego das táticas, técnicas e procedimentos de GLO, foi a MINUSTAH, Missão de Estabilidade das Nações Unidas no Haiti (COSTA, 2012).

Diante do contexto explicitado, cabe destacar que o 28º Batalhão de Infantaria Leve (28º BIL), organização militar de emprego peculiar do Exército Brasileiro, vem trabalhando na transformação de seu Centro de Instrução de Operações de Garantia da Lei e da Ordem para um Centro de Instruções de Operações Urbanas (CIOU), com o objetivo de ampliar o estudo sobre os combates urbanos, em situações de guerra (OLIVEIRA, 2019).

## 5. CARACTERÍSTICAS SOCIO-GEOGRÁFICAS DAS FAVELAS

O processo de urbanização de países subdesenvolvidos não foi acompanhado de planejamento, resultando em graves problemas socio-geográficos, como a falta de saneamento básico, a favelização e o aumento da violência. Esta última, em especial, cresceu pela negligência do Estado em atuar nessas regiões, não se fazendo presente, abrindo espaço para serem controladas por criminosos, independentemente da sua localização geográfica. Quer seja por gangues, traficantes, terroristas, mafiosos ou milícias. E acabam se tornando “posições defensivas” de agentes perturbadores da ordem pública (APOP).

A geografia e o labirinto criado pela ocupação caótica nas comunidades, com túneis, passagens secretas e improvisadas em tubulações sanitárias, escadarias múltiplas, vielas divergentes e convergentes, sem uma lógica de organização e orientação de engenharia urbana, favorecem nos deslocamentos dos meliantes, no interior das favelas. As construções defensivas erguidas pelo traficante tornam o ambiente defensável por pequenos grupos armados, em pontos fortes, que quando em vantagem reagem e quando em desvantagem desaparecem sem deixar pistas (COSTA, 2012).

O combate urbano acompanhou a evolução dos conflitos armados, porém, no complexo âmbito das Operações em Amplo Espectro, os APOP estão entre a população

civil. Fazem uso das construções como abrigos, das áreas edificadas, do terreno acidentado como “ponto forte” e se misturam aos cidadãos utilizando-os como escudo (TSCHAIKOWSKI, 2020).

A facção criminosa predominantemente presente nos complexos é o Comando Vermelho. Criado em 1979, sob a influência de presos políticos da Falange Vermelha na prisão de Ilha Grande, tiveram a oportunidade de aprender métodos não convencionais, técnicas e táticas de guerrilhas, que são aplicados até os dias de hoje, por meio da leitura do *Manual do Guerrilheiro Urbano* de Carlos Marighela. Os ensinamentos do manual do guerrilheiro urbano são hoje empregados nos Complexos do Alemão e da Penha (COSTA, 2012).

Eis a cartilha, de forma bem resumida com seus doze lemas: não aparentar ser estranho entre as pessoas da comunidade; capacidade de observação para estar bem informado; conhecimento sobre a área em que operam; aprender a construir armas e preparar bombas ou granadas caseiras; táticas de rua com a participação das massas; não deixar pistas ou rastros; desmoralizar e desgastar a força legal; utilizar a surpresa; mobilidade e a velocidade; influência que as forças adversas devem exercer sobre a população; utilização da mídia e da opinião pública como armas poderosas e a importância do planejamento das ações para aumentar a segurança do bando e garantir lucros sem derramamento de sangue (COSTA, 2012).

Verifica-se, porém, que a capacidade da Força Adversa (F Adv) de executar ações de sabotagem, terrorismo, espionagem, propaganda e desinformação é limitada. A grande maioria de suas ações encontra-se diretamente relacionadas com a prática de tráfico de drogas e assaltos, sendo a motivação para a realização desses crimes baseada no aspecto relacionado ao ganho pecuniário, não havendo indícios de envolvimentos ideológicos, políticos ou religiosos.

O grau de organização e adestramento da F Adv é baixo, sendo possível identificar, ocasionalmente, elementos que serviram às Forças Armadas empregando ensinamentos adquiridos no período do serviço militar.

A Organização Criminosa (O Crim) presente é composta de jovens na faixa etária de 15 a 35 anos, em sua maioria homens. Empregam crianças, pessoas de idade e mulheres como mensageiros, fogueteiros (responsáveis pelo alerta), olheiros (vigias) e condutores de drogas, o que dificulta a atuação das forças legais.

Os meliantes locais utilizam-se também de motos para seu transporte próprio, o uso de motocicleta permite grande mobilidade através dos becos e vielas e de vias de transporte obstruídas. A facilidade do uso de rotas de fuga após prévio reconhecimento das O Crim dificulta a perseguição e a apreensão. Os deslocamentos longos e com maior efetivo são realizados preferencialmente no turno da noite com a utilização de veículos roubados e “filmados” dificultando o reconhecimento, evidenciando o uso da mobilidade, surpresa, e velocidade nas ações.

O armamento utilizado é constituído principalmente de pistolas semiautomáticas (Calibres (Cal)9mm, .380, 40, 45, etc.), revólveres (Cal 38, 357, etc.), metralhadoras leves (MP5, Beretta, Uzi, INA, etc.) fuzis de assalto (FAL, PARA-FAL, M16, M4, AK 47, Ruger, Beretta, etc.), granadas de mão, bombas caseiras e, raramente, armas portáteis anticarro, já utilizados, como o AT-4, porém que servem como dissuasão para o tráfico.

Os pontos mais altos que possuem boa observação e campos de tiro são apropriados pelo tráfico para um melhor monitoramento da orla das comunidades, nos possíveis pontos de entrada das forças legais.

Para a defesa das localidades são posicionados "olheiros" em pontos estratégicos das vias de acesso, incumbidos de darem "sinais de alarme", despertando a atenção dos meliantes responsáveis pela "contenção".

Os meios de comunicações mais utilizados pelos traficantes locais são o celular e o rádio “talk about”, que não teriam capacidade para interferir ou ouvir a conversação da tropa, além de mensageiros, usualmente crianças da região que possuem mobilidade e transitam sem revista, conhecidos como “aviãozinho”.

Se não possuem grande organização tática, vê-se presente uma complexa malha de estruturas de “influência”, onde se verificam os contraventores das mais diversas áreas, com informantes infiltrados nas polícias, nos poderes legislativo, executivo e judiciário, envolvendo atores de maior posição e influência. Está então, formada uma densa e complexa rede de corrupção que se apresenta no país (COSTA, 2012).

Nos anos 2000, ocorreu a expansão acelerada das milícias para novos territórios com velado apoio das forças de segurança do governo estadual, passando a ter uma maior visibilidade na cidade. A partir do conhecimento por parte do Estado deste novo fenômeno social, o combate às milícias tornou-se um dos principais pontos do debate sobre segurança pública no Rio de Janeiro.

Atualmente o crime organizado e a milícia ocupam um espaço que o Estado não ocupa por mais de 30 anos. Durante muito tempo, a Polícia foi o único segmento do Estado a ir ao Morro para realizar operações policiais em determinada área e depois retrair.

O vazio político imposto às comunidades carentes do Rio de Janeiro estabeleceu um verdadeiro “apartheid social” e criou as condições ideais para que as forças adversas utilizassem a população local como massa de manobra. Ressalta-se que, embora a comunidade seja considerada uma das áreas mais problemáticas da cidade, grande maioria dos moradores é de cidadãos honestos, não envolvidos com a O Crim local.

## 6. EXPERIÊNCIAS INTERNACIONAIS

Avaliaremos a atuação de tropas internacionais em 4 ocasiões: tropas americanas em Mogadíscio (Somália) e em Fallujah (Iraque), tropas russas em Grozny (Chechênia) e tropas brasileiras na missão de Paz do Haiti, caracterizadas por operações em ambiente urbano, classificadas como situação de guerra (OLIVEIRA, 2019).

### 6.1 Conflito de Mogasdício (1993):

Atuação de tropas americanas em território africano durante uma Missão das Nações Unidas na Somália, em 1993.

Com a intensificação do conflito local contra forças da ONU, em julho de 1993, houve uma operação estratégica de infiltração de forças especiais composta por Rangers americanos em uma das áreas mais fortemente defendidas por clãs locais, a fim de retirar da área alguns prisioneiros que haviam sido localizados e líderes locais identificados. Para a operação, foi solicitado apoio de veículos blindados, porém, por questões políticas de suporte limitado, este apoio foi negado.

Dessa forma, apesar das forças de operações especiais terem capturado rapidamente vários líderes de clãs de alto nível, a evacuação desses cativos, juntamente com as forças de operações especiais, provou ser um desastre.

O plano de evacuação se baseou em uma coluna de veículos de combate não blindados, que deveriam se mover pela cidade até o ponto de captura e removê-los rapidamente de volta ao complexo dos Rangers. No entanto, os milicianos somalis, ajudados por civis, conduziram ataques e criaram bloqueios de estradas que impediam os veículos de chegarem ao local do resgate.

Após um intenso período de 24 horas de combate corpo a corpo, o grupo Ranger, finalmente apoiado pelas forças mecanizadas paquistanesas e malasianas, foi evacuado. Na operação, dois helicópteros foram abatidos, 18 Rangers foram mortos e mais de 50 feridos, no que se tornou, até aquele momento, o tiroteio mais intenso envolvendo as forças de combate dos EUA desde a Guerra do Vietnã. Embora os Rangers fossem uma força de infantaria leve altamente treinada e equipada e ter infligido pesadas baixas aos homens dos clãs somalis, a falta de veículos blindados dificultou a mobilidade necessária para proteger e retirar o pessoal de uma cidade em ruinas.

Sendo assim, o combate em Mogadíscio evidenciou duas importantes contribuições: a necessidade de proteção blindada para as tropas em combate e a influência de decisões políticas erradas na tática e no desfecho do combate.

### 6.2 Batalha de Grosny:

A Batalha de Grozny ocorreu entre 1994 e 1996 e representou uma grande derrota para o exército russo. As tropas russas lutaram contra insurgentes separatistas chechenos em uma localidade com ruas estreitas e pequenas dificultando muito as ações de seus blindados.

As tropas não lutavam desembarcadas, expondo os blindados as ações de lançadores de granadas denominados “Rocket-Propelled Grenade” (RPG), que ficavam imobilizados após ataque focado nos veículos dianteiros e traseiros das colunas dos tanques russos, tornando os veículos do meio alvos fáceis. Além disso, os insurgentes ocupavam os subterrâneos das cidades e locais altos, acima e dentro de prédios, aonde os blindados não conseguiam atingir por sua limitação de inclinação vertical.

Os soldados de infantaria não eram familiarizados com o idioma e eram indiferentes à cultura local. Eles roubavam comida e ignoravam as sensibilidades religiosas, insultavam os habitantes locais e transformavam uma população passiva em apoiadores e combatentes ativos da resistência.

A Batalha de Grosny destacou a necessidade de estudo do terreno, do inimigo e do emprego correto de suas próprias tropas, podendo tornar o uso de blindados ineficiente, sem o apoio de infantes que protejam as partes vulneráveis. O conhecimento da cultura local e o respeito as tradições e aos costumes é fundamental a fim de evitar o ódio da população contra a tropa, bem como o aumento de apoio aos insurgentes.

### 6.3 Conflito de Fallujah (2004)

O conflito de Fallujah foi o episódio mais sangrento da Guerra do Iraque, sendo considerado até hoje pelos americanos como o maior combate urbano das tropas americanas desde a Guerra do Vietnã. Foi marcado pela forte resistência inimiga, motivada por grande fanatismo religioso, que levou à óbito grande número de militares estadunidenses.

Para conseguir infiltrar com sucesso diante da forte resistência local, foi necessário grande coordenação, da combinação de Armas, do largo emprego da Infantaria Leve acompanhada da Infantaria Mecanizada e Infantaria Blindada, de grandes quantidades de fogos de preparação e forte apoio de engenharia. Além disso, os reconhecimentos aéreos e o levantamento de inteligência foram de suma importância para o êxito das operações.

Outra peculiaridade do deslocamento em área urbana demonstrada em Fallujah foi a de evitar o deslocamento por estradas, sendo mais seguro o deslocamento por brechas abertas nas construções a fim de evitar possíveis emboscadas inimigas.

Ficou marcado a necessidade de evacuar cidades em conflito, ou pelo menos, dar a oportunidade para que os não combatentes evacuassem o local, sendo fundamental o aspecto psicológico e uso da mídia para convencimento. Essas ações garantem o respaldo humanitário no transcurso das ações e atenuam os efeitos da destruição provocada nas cidades. Além disso, reduzem a pressão pública sobre os resultados destas operações.

### 6.4 Pacificação do Haiti (2004-2017):

Em 10 de setembro de 2004 se iniciou a operação MINUSTAH (sigla derivada do francês: ***M**ission des **N**ations **U**nies pour la **Sta**bilisation en **H**aïti*), sob égide da ONU e comandado pelo Exército Brasileiro, se caracterizando por uma missão de paz para restaurar a ordem no Haiti, após um período de guerra civil, se estendendo até abril de 2017.

Foi adotado como estratégia para infiltração e estabilização do contingente das nações unidas em meio as extensas favelas dominadas por milícias, a **ocupação de pontos fortes**, selecionando instalações estratégicas em áreas vitais: O Forte Nacional, a Cité Soleil, Bel Air e Base da Porto.

A presença garantiu não só a segurança, mas, também, contribuiu com segurança para o avanço das tropas no combate a grupos armados. A defesa em Ponto Forte já prevista no manual EB20-MF-10.103 Operações, preconizada para operações regulares é utilizada principalmente na região amazônica, região com imensos vazios demográficos onde a ocupação de determinado ponto pode interferir sobremaneira nas operações inimigas.

O controle destas favelas se dá em um contexto de confronto entre as milícias locais, criminosos e insurgentes e rebeldes (contra a presença da ONU). Um dos objetivos da primeira missão era justamente a ocupação de áreas 'conturbadas'.

Inicialmente, quando a ação de presença era prioridade, se constituiu na ocupação provisória de ponto importante e de grande visibilidade da cidade. Um grupo de combate (GC) controlava o trânsito, outro realizava patrulha na área e outro grupo permanecia como força de reação. A principal finalidade era ação de presença. Depois desta fase, Ponto Forte passou a ser a ocupação de instalação dentro de um bairro conturbado, geralmente em local com dominância sobre a região, ocupada permanentemente por fração nível pelotão e de onde partiam grupos de combate para realizar o patrulhamento ostensivo.

Desta forma, este tipo de operação visava controlar permanentemente a segurança em determinado bairro, servindo de polo irradiador de patrulhas para projeção de poder no intuito de inibir a ação de gangues. Após a experiência positiva no Haiti, esta concepção de ponto forte foi utilizada nas favelas do Rio de Janeiro com a denominação de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) (BRANDÃO, 2018).

## 7. TÉCNICAS DE PROGRESSÃO

A progressão da Força Terrestre em ambiente urbano pode ser analisada sob aspecto estratégico e técnico-operacional, sendo assim, utilizaremos como referencial a operação Arcanjo, iniciada em novembro de 2010 no contexto da pacificação dos Complexos do Alemão e da Penha, Rio de Janeiro, para discutir possibilidades de progressão em ambiente urbano.

Em situações de normalidade institucional (não Guerra), principalmente se tratando de operações em meio a população civil e com ampla cobertura da imprensa, as quais têm sido progressivamente mais comuns para o emprego da tropa, as regras de engajamento são muito restritivas e o uso da força deve ser feito de forma progressiva.

Podemos assim concluir que o emprego do armamento letal de dotação das Organizações Militares (FAL e Pst 9mm) somente será autorizado em casos de legítima defesa e que armamentos não letais devem ser adquiridos. Nesse contexto, a possibilidade de filmar as ocorrências foi útil e interessante, pois criava condições de defesa na contraprova de acusações infundadas (COSTA, 2012).

### 7.1 NÍVEL ESTRATÉGICO:

Em novembro de 2010, foi iniciada a operação conjunta entre as Forças Armadas, Forças Estaduais, Polícia Federal (PF) e Forças singulares. Em seu planejamento a Força de Pacificação procurou atender na sua manobra as condicionantes básicas para uma operação de GLO: causar o mínimo de danos à população e ao patrimônio público e privado, evitar perdas humanas na tropa, preservar a imagem do Exército junto à opinião pública e respeitar os preceitos legais (COSTA, 2012).

Outros fundamentos aplicados na manobra foram: limitação do uso da força e das restrições à população e o emprego da comunicação social. Foi privilegiada a estratégia da dissuasão, empregando o princípio da massa para buscar, sempre que possível, uma solução de forma pacífica. Foram estabelecidas regras de engajamento que seguiram os princípios da legalidade, razoabilidade e da proporcionalidade para dosar adequadamente o uso da força, no caso de confronto com as forças adversas.

A manobra da Força de Pacificação atendeu os princípios da visibilidade (presença), ocupação de pontos fortes e de áreas críticas (vigilância) combinados com intenso patrulhamento a pé e motorizado. Sendo então dividido em duas fases (COSTA, 2012):

**- 1ª fase (Cerco):**

Ao Comando do Exército, coube o emprego de 800 (oitocentos) militares do Comando Militar do Leste, para serem utilizados na proteção do perímetro das áreas conflagradas a serem ocupadas pelas forças estaduais e pela PF, além do efetivo necessário para o apoio da tropa e sua defesa.

Esse efetivo estaria sob o comando do oficial designado pela autoridade militar competente e deveria operar em coordenação e articulação com as forças policiais estaduais e federais e com as demais forças singulares.

Ao Comando da Força Área Brasileira, coube o acionamento de uma aeronave de asa rotativa do tipo SUPER PUMA para transporte de tropa ou equivalente; e uma aeronave de asa rotativa H1H, do tipo ESQUILO, para utilização de atiradores e observadores aéreos.

Foram empregadas 02 (duas) aeronaves (Anv) HM-1 e 01 (uma) Anv HA-1 em apoio às operações (Op) ARCANJO 1 e 2. Dentre as diversas missões realizadas pela Aviação do Exército, podemos citar: utilização da Anv como plataforma aérea de coordenação, comando e controle; segurança de áreas; segurança de comboio; reconhecimentos.

Aos Comandantes das Forças Singulares, coube, ainda, articuladamente, o acionamento de 10 (dez) viaturas blindadas para transporte de pessoal, incluindo as respectivas guarnições; equipamentos de comunicação aeronave-solo; e equipamentos de visão noturna, para serem cedidos temporariamente às forças estaduais.

Em 25 NOV 10, o Comando da Brigada de Infantaria Paraquedista (Cmdo Bda Inf Pqdt) recebeu a missão de apoiar o investimento das Forças de Segurança Pública no complexo do Alemão, realizando um cerco para impedir a saída ou a entrada de criminosos, além de armamento, munição, drogas e outros materiais ilícitos da área de operações.

O Cmdo Bda Inf Pqdt executou o planejamento sumário, redigindo o conceito da operação, delimitando a zona de ação, detalhes de execução táticos e logísticos, assim como outros a serem implementados pelos sistemas operacionais de combate.

O Cmt Mil Leste determinou o emprego imediato da tropa e, então, iniciou-se a tomada do dispositivo, que ocorreu sob fogos da F Adv. O planejamento inicial concebia a ocupação de 44 (quarenta e quatro) posições de bloqueio por meio de uma Força Tarefa composta por 03 SU, cada posição com um GC, numa linha de cerco.

Após a ocupação da linha de cerco, o número de posições foi redimensionado para 39 e mais uma FT (Força Tarefa) foi incorporada, de modo a permitir o revezamento e o consequente descanso da tropa. A Z Aç (Zona de ação) de Leste, com a FT CHIVUNK II e a Z Aç de Oeste, com a 73 FT CHIVUNK I ocupando posições de bloqueio em linhas balizadas. O PC (Posto de Comando) da BdaPqdt foi desdobrado nas instalações da antiga fábrica da COCA-COLA.

Foi iniciado o efetivo investimento das forças policiais no Complexo. A BdaPqdt realizou, a pedido direto do Cmt PMRJ, fogos de fuzil sobre os Morros da BAIANA e do ADEUS, por ocasião do início desse investimento. A operação CHIVUNK durou cerca de 1 mês. Durante o cerco e o investimento, foram realizadas 65 (sessenta e cinco) prisões e dois militares foram feridos(COSTA, 2012).

**- 2ª Fase: (Ocupação):**

A F Pac ARCANJO, subordinada ao CML, foi estruturada tendo por base a Brigada de Infantaria Paraquedista, efetivos da PMERJ e da Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro. Foi concebida em duas fases: a primeira consistia no isolamento e investimento das comunidades dos Complexos do ALEMÃO e da PENHA; a segunda tratava da manutenção da área em condições de segurança, de modo a permitir a implantação de uma UPP na região.

A F Pac foi estruturada em três FT de valor Unidade, com base nos Btl Inf da Bda Inf Pqdt. A FT AFONSOS (25º BI Pqdt) ficou encarregada de estabelecer uma Linha de Isolamento no perímetro da área de Pacificação (A Pac) e instalação de PBCVU (postos e bloqueios e controle de via urbana) nas principais vias de acesso à região. A FT SANTOS DUMONT (26º BI Pqdt) e a FT VELAME (27º BI Pqdt) ficaram encarregadas de atuar no interior da A Pac na região das comunidades do Complexo do ALEMÃO e na região das comunidades do Complexo da PENHA, respectivamente, para:

a) Instalar e operar PBCVU nas principais vias;
b) Ocupar pontos fortes e realizar patrulhamento a pé e Mtz;
c) Executar ações de controle de distúrbios, Mdt O; e
d) Ocupar e garantir o funcionamento dos pontos e instalações sensíveis.

Tais ações seriam desencadeadas em coordenação com a Polícia Militar, a Polícia Civil/RJ e demais integrantes da F Pac. Cabe ressaltar que foi vedada a atuação de policiais militares ou civis isoladamente, bem como a atuação de não integrantes da F Pac no interior da A Pac, tendo em vista a eventual falta de controle decorrente de atuação descentralizada.

Cada FT foi reforçada com elementos blindados e 01 (uma) equipe de precursores paraquedistas, além de policiais militares. A delegacia de polícia civil ficou centralizada, inicialmente, na base de Op do Cmdo da F Pac.

Em seguida, as FT SANTOS DUMONT e VELAME investiram sobre as comunidades do Complexo do ALEMÃO e da PENHA, respectivamente. Não houve confronto significativo com as F Adv, o que propiciou a rápida ocupação dos pontos fortes (PF) selecionados durante a fase de reconhecimentos. Ato contínuo, todas as FT iniciaram as atividades de patrulhamento em suas respectivas áreas de responsabilidade.

Vale salientar que um aspecto muito importante a ser considerado para a divisão das Z Aç das FT foi o aspecto psicossocial, evitando-se dividir uma mesma comunidade, com seus líderes comunitários e laços de identidade, para diferentes SU.

A FT AFONSOS deixou a L Iso e passou a integrar a reserva da F Pac, se instalando fora da A Pac - de onde partia para realizar Patrulha a pé e Motorizada, para realizar vasculhamentos e Op de busca e apreensão no interior da A Pac.

Seguiu se então a fase de manutenção da área em condições de segurança, de modo a permitir a implantação de uma UPP na região. A delimitação da Área de Pacificação não foi alterada.

Em datas comemorativas com previsão de maiores concentrações populares e aumento do consumo de bebidas alcoólicas, como Natal e Ano Novo, além do tempo relativamente curto da chegada das tropas de pacificação, a F Pac ARCANJO intensificou as patrulhas e a presença no Complexo da PENHA e do ALEMÃO. Vale destacar o grande número de intervenções efetuadas por desacatos, afrontas e agressões físicas e verbais à tropa, fruto da chegada recente das tropas. Percebeu-se que, com o passar do tempo e com a atuação da F Pac, a população, mesmo desacostumada com a presença de forças legais, passou a respeitar e mostrar-se favorável à presença da F Pac.

Ao longo do período de manutenção, os Cmt das F de Pacificação desencadearam diversas operações a fim de assegurar o nível de segurança alcançado, o aumento contínuo da confiança da população, bem como a demonstração da presença do Estado e a garantia da lei e da ordem. Essas operações consistiram em instalação de patrulhas, vasculhamentos de áreas construídas e de regiões matosas, controle de áreas de concentração de pessoas, revista de suspeitos, operações de busca e apreensão, controle de festas e bailes, verificações de denúncias e outras atividades.

Observou-se, no início das operações que parcela da população local ainda evidenciava condutas sociais à margem da lei, decorrentes de um ambiente de pouca presença do Estado e antes dominado pelo terror ou por leis impostas pelos chefes do tráfico.

Percebeu-se uma diferença de comportamento entre os moradores do Complexo do ALEMÃO e do Complexo da PENHA. Enquanto aqueles se mostraram um pouco mais receptivos, dispostos a colaborar e menos arredios, estes permaneceram retraídos, pouco colaborativos e ríspidos, demonstrando medo e, em alguns casos, admiração pelas O Crim.

Na região do Complexo do ALEMÃO, a F Adv se mostrou pouco atuante, permanecendo na clandestinidade. Na região do Complexo da PENHA, a F Adv agiu de forma mais intensa, tentando se reorganizar, manter o comércio de drogas e intimidar a população de modo a não permitir o apoio à Força de Pacificação (COSTA, 2012).

## 7.2 NÍVEL TÉCNICO-OPERACIONAL

Devido a características peculiares do combate urbano, se faz necessário adestramento em batalhões especializados, que capacitem os quadros na condução deste tipo de atividade com conhecimento específico de técnicas, táticas, procedimentos, legislação e treinamento com armamento e equipamento específicos, sendo vetores ideais para expandir os conhecimentos às tropas que poderão ser empregadas.

Em seu plano de preparo, o Programa de adaptação militar do Exército divide o ano em períodos distintos, que representam cada fase a ser concluída: o período básico (PB), o período de qualificação (PQ), o período de adestramento básico (PAB) e o adestramento avançado (PAA).

O soldado recém-chegado recebe instruções de combatente individual básico, aprendendo como atirar, progredir, usar a camuflagem, se comunicar dentre outras. Em seguida se qualifica dentro de uma fração específica (GC, seção e pelotão) aprendendo o seu emprego, até se enquadrar numa subunidade (Cia, bateria ou esquadrão) e depois na Unidade a que se incorporou, (Btl, Grupo ou Regimento), em se tratando de armas combatentes.

Após seu preparo inicial, as tropas recebem formação especializada para atuação em ambiente urbano/GLO, tendo como proposta de instruções os seguintes assuntos: crimes militares, crimes comuns e contravenções penais, estatuto da criança e do adolescente e estatuto do idoso, acordo para o emprego da tropa, uso de algemas, procedimentos operacionais padrão, regras de engajamento, negociação, abordagens, lutas defesa pessoal/imobilização, utilização de tonfa e cacetete, emprego de armamento não letal, forças adversas “modus operandi”, reconhecimento operacional, técnicas de filmagem, GPS, relatórios de inteligência (EEI), operações de busca e apreensão, controle da população, controle de distúrbios civis, PBCVU, revista e prisão em flagrante, patrulhas de reconhecimento, incursões, vigilância aérea, cerco, investimento, técnicas de entrada, perseguição, progressão em área de risco, sinais e gestos, técnicas de ação imediata, tiro “stress fire”, tiro em área edificada, atendimento pré-hospitalar, ação de comando e motivação.

Adestramento na fase de preparo no CAAdEx, progressão a pé em favela simulada. (COSTA, 2012)

Devido a caracterização da área, quanto à conformação irregular das vias que penetram nos complexos residenciais de comunidades carentes, formando imensos labirintos, torna-se muito complicado a coordenação e o controle de uma operação de grande escalão a nível brigada.

Para a melhor condução deste tipo de missão deve-se descentralizar até o nível de pequenas frações e estes atuarem independentes. Dessa forma, são excelentes oportunidades para que o comandante do GC exerça a sua ação de comando, emitindo ordens, controlando os seus subordinados e demonstrando conhecimento sobre a operação, ou seja, desenvolver sua capacidade de liderança militar (COSTA, 2012).

Sob o aspecto técnico, a patrulha em ambiente urbano é de alto risco, pois expõe a tropa a áreas perigosas e pontos críticos, devido a maior vulnerabilidade, menor conhecimento do território, inferioridade de posicionamento e usuais obstruções estratégicas de vias pelas F Adv.

De acordo com o Manual de Patrulha do Exército, Áreas perigosas e pontos críticos são aqueles obstáculos levantados no itinerário que oferecem restrições ao movimento. Normalmente, nestes locais, a patrulha fica vulnerável aos fogos e/ou à observação do inimigo (BRASIL, 2004a).

Dessa forma, são tomados como procedimentos gerais:

(1) Identificar as prováveis áreas perigosas/pontos críticos, prevendo e transmitindo à patrulha a conduta a ser adotada ao atingi-los.
(2) Optar pelo desbordamento destas áreas, quando isso for possível.
(3) Prever ou solicitar apoio de fogo para cobrir o movimento da patrulha.
(4) Realizar reconhecimentos e estabelecer a segurança.
(5) Realizar o "POCO" (Parar, Olhar, Cheirar e Ouvir).

## 8. TÉCNICAS DE ASSALTO

O assalto tem por propósito conquistar o objetivo, destruindo ou neutralizando (mesmo que temporariamente) a resistência inimiga. Deve ser potente e rápido, pois um vacilo ou indecisão do grupo de assalto, diante de uma resistência inesperada do inimigo, pode frustrar toda a ação no objetivo e, em consequência, o cumprimento da missão (BRASIL, 2004a).

Os fogos executados durante o assalto devem ser precisos, a fim de torná-lo eficiente. Isso só será possível mediante um eficaz adestramento e ensaios exaustivos. Deve valer-se ao máximo do uso de granadas e fumígenos. Alguns homens do grupo de assalto devem ser designados para manter uma cadência regular de tiro, a fim de manter um volume constante de fogos e obter um recobrimento de tiros durante as trocas de carregadores.

Outros grupos (particularmente o de tarefas essenciais) que sucedem o grupo de assalto na sequência da ação no objetivo, devem se posicionar no terreno (distância/cobertas e abrigos) de forma que, preferencialmente, não se engajem nos fogos do assalto. A posição coberta (se possível abrigada) no terreno, a partir da qual o grupo de assalto, dentro do dispositivo adotado, desencadeia sua ação, chama-se posição de assalto. Ela deve estar o mais próximo possível do objetivo, sem comprometer o sigilo.

Em seu planejamento, o comandante de patrulha deve definir qual a melhor forma de assaltar o objetivo e ensaiá-la exaustivamente. O assalto pode ser:

- **Contínuo:** quando o grupo de assalto abandona a posição de assalto e em um movimento contínuo atinge o objetivo.

- **Por lanços:** quando o grupo de assalto se subdivide em equipes, que abandonam a posição de assalto e avançam para o objetivo realizando lanços alternados, proporcionando entre si uma base de fogos para a progressão (fogo e movimento / "marcha do papagaio").

- **Misto**: quando o terreno ou a resistência inimiga apresenta alteração significativa, sugerindo a alteração do assalto por lanços para o assalto contínuo, ou vice versa.

- **Em sigilo:** quando o grupo de assalto abandona a posição de assalto e inicia seu deslocamento na direção do inimigo sem ser percebido. Nesse caso, o desencadeamento dos fogos só ocorrerá quando houver a quebra do sigilo ou mediante ordem.

- **Pelo fogo:** quando, devido à proximidade da posição de assalto do objetivo, o grupo de assalto não a abandona, realizando a neutralização definitiva da resistência inimiga exclusivamente pelo emprego de seu armamento.

## 9. INFILTRAÇÃO

As ações de patrulha podem ser executadas em território amigo, em território inimigo ou em território sob controle do inimigo. As ações de entrada em território inimigo ou sob controle do inimigo exigem a aplicação de processos de infiltração, que consiste em uma técnica de movimento através, em torno ou sobre posições inimigas, realizada de modo furtivo, com a finalidade de concentrar pessoal e/ou material em área hostil ou sob controle do inimigo, visando a realização de ações militares (BRASIL, 2004a).

No combate urbano, em geral, não há infiltração aquática e a aérea é praticamente inutilizada, devido ao elevado nível de vulnerabilidade pela exposição completa das tropas na malha urbana. Já a infiltração terrestre possui limitações às infiltrações mecanizadas devido ao acesso por ruas estreitas e com diversos obstáculos criados ou não, sendo assim o acesso a pé o principal nesse tipo de combate.

Independente do processo utilizado, a infiltração exigirá do comandante da patrulha um planejamento meticuloso, considerando-se os fatores da decisão e as possíveis situações de contingência. Devem ser consideradas as medidas de coordenação e controle específicas dos diversos processos de infiltração, tais como: faixas de infiltração, linhas e/ou pontos de controle, áreas de reagrupamento, pontos de reunião no itinerário e pontos de transbordo (BRASIL, 2004a).

Um ensaio criterioso das ações e das possíveis situações de contingência é condição fundamental para o sucesso da infiltração, pois improvisações no território inimigo ou sob controle deste podem comprometer a missão. Algumas das modalidades de infiltração, em função de sua especificidade, exigirão dos integrantes da patrulha um elevado grau de adestramento. Para as ações de exfiltração são utilizados os mesmos processos e modalidades da infiltração.

| INFILTRAÇÃO | | | |
|---|---|---|---|
| **Processo** | **Modalidade** | **Técnica** | **Ponto de mudança do processo de infiltração** |
| **TERRESTRE** | motorizada | - | ponto de desembarque |
| | a pé | - | ponto de embarque |
| | com emprego de animais | - | - |
| | combinada | - | - |
| **AÉREO** | aeroterrestre | lançamento semi-automático | zona de lançamento |
| | aeromóvel | desembarque normal (toque normal) | Loc Ater<br>Z Ebq / Z Dbq<br>ponto de desova |
| | | desembarque pairado<br>desembarque por rapel | |
| | | desembarque por corda rápida | |
| | | desembarque por desova em aquático | |
| | aerotransportada | pouso de assalto | zona de pouso<br>campo de pouso |
| | | desembarque normal | |
| | combinada | mais de uma | pista de aterragem |
| **AQUÁTIL** | por nave-base de superfície por pequenas embarcações | ambiente operacional: maritima combinada; profundidade: aquátil (de superfície) | praia<br>margem<br>(ponto de abordagem/ desenbarque) |
| | a nado combinada | ambiente operacional: fluvial; profundidade: sub aquática | |
| **MISTO** | É o mais usual, pois combina mais de um processo de infiltração. | | |
| **POR ULTRAPASSAGEM DO INIMIGO** | Realizada na eminência de um inimigo; é caracterizada quando uma patrulha homizia-se por determinado período de tempo numa área previamente definida, até então sob controle de forças amigas, e permanecer oculta taé o momento que, em virtude do movimento das forças inimigas, passa a localizar-se a sua retaguarda. | | |

Manual de Patrulha do Exército Brasileiro - CI 21-75-1 / 2.32(BRASIL, 2004a)

## 9.1 TÉCNICAS DE AÇÃO IMEDIATA (TAI)

Técnicas de Ação Imediata são ações coletivas executadas com rapidez e que poderão exigir uma tomada de decisão. Devem ser pré-planejadas e exaustivamente treinadas pela fração que as realiza. É importante que sejam executadas no menor espaço de tempo e com o menor número de ordens possível. Têm a finalidade de assegurar a esta fração uma vantagem inicial quando do contato com o inimigo, ou mesmo, de evitar este contato (BRASIL, 2004a).

**1ª SITUAÇÃO - Nós vemos o inimigo e não somos vistos**

**TAI Ofensiva:**

(a) Nessa situação, devemos montar uma emboscada de oportunidade para surpreender e destruir o inimigo.
(b) O esclarecedor informa a aproximação do inimigo.
(c) Todo o pelotão sai da trilha para o mesmo lado, ocupando a parte dominante do terreno ou a que ofereça melhores campos de tiro.
(d) Desencadeamento da emboscada e busca da destruição do inimigo no local. (e) Perseguição do inimigo em fuga.
OBSERVAÇÃO - Os aspectos mais importantes a serem verificados nesta situação são: o sigilo e o tempo de tomada de posição, o qual deve ser o mais curto possível.

**TAI Defensiva:**

(a) Nessa situação, o nosso objetivo é tentar evitar o contato com o inimigo. A maneira mais rápida de conseguirmos isso é simplesmente abandonar a direção geral de deslocamento e nos ocultarmos no terreno.
(b) O esclarecedor define para que lado o pelotão vai abandonar o deslocamento.
(c) Todos os homens deixam o sentido de deslocamento e deitam-se, procurando se ocultar no terreno.
(d) Uma variante dessa TAI, adotada quando o pelotão está se deslocando pelo interior de uma floresta, é o "congelar". Neste caso, os combatentes do pelotão cessam qualquer movimento com a finalidade de não serem percebidos pelo inimigo.

**2ª SITUAÇÃO - Nós vemos o inimigo e ele nos vê (contato fortuito)**

**TAI ofensiva:**

(a) O objetivo é desenvolver o pelotão no terreno o mais rápido possível com grande poder de fogo à frente e buscar a manutenção do contato até a total destruição do inimigo. É importante permanecer uma fração destacada do pelotão para realizar a proteção dos flancos e retaguarda.
(b) Os esclarecedores, ao travarem contato com o inimigo, realizam intenso volume de fogos na direção do inimigo.
(c) Ao ouvir a troca de tiros dos esclarecedores, todos os homens devem abandonar a direção geral de deslocamento o mais rapidamente possível. Os dois GC mais próximos da direção do inimigo seguem em coluna (o fato de seguir em coluna para depois entrar em linha deve-se à necessidade da tomada da posição o mais rapidamente possível) até o local dos esclarecedores, adotando a formação em linha.
(d) O dois GC realizam lanços alternados com base de fogos (*marcha do papagaio)* por grupos, na direção do inimigo, buscando o engajamento até a realização do assalto.

(e) As peças de metralhadora entram em posição em local que lhes permitam executar fogos em profundidade sobre o inimigo e ocupar posições sucessivas para acompanhar os GC que estão realizando o assalto.
(f) O outro GC fica em condições de proteger o pelotão de ações vindas de flanco ou retaguarda, ou manobrar para flanquear o inimigo.
(g) Caso haja um retraimento do inimigo, partir para a perseguição.
OBSERVAÇÃO - A primeira tropa que se desdobrar corretamente no terreno e alcançar uma grande potência de fogo à frente terá uma vantagem muito grande sobre o adversário. Cabe ressaltar que, no início da ação, o volume de fogo de ambos os contendores será extremamente reduzido.

**TAI Defensiva:**

(a) Nessa situação, o objetivo da nossa tropa é colocar uma fração entre a tropa inimiga e o grosso do pelotão, que realizará o retraimento. Após realizar uma base de fogos, esta fração interposta retrai.
(b) O GC mais próximo do inimigo lança fumígenos à frente a fim de estabelecer uma cortina de fumaça entre o inimigo e a nossa tropa, proporcionando assim melhores condições para o desengajamento.
(c) Este GC executa a progressão com a utilização da técnica do fogo e movimento para a retaguarda e rompe contato.
(d) O restante da patrulha cerra para a retaguarda ficando em condições de apoiar o retraimento do GC engajado.
(e) Reorganização no último ponto de reunião no itinerário.

OBSERVAÇÕES:
- É conveniente que o comandante de pelotão inclua no seu pedido de material pelo menos 2 (duas) granadas de mão fumígenas e 2 (duas) granadas de mão ofensivas por homem.
- Depois de entrar em linha, o GC e o Gp Ap F realizam fogos na direção do inimigo por alguns segundos com a finalidade de desorganizá-lo. Depois isso, o Cmt GC comanda a progressão com a utilização da técnica do fogo e movimento à medida que se desloca para a retaguarda. Depois do recuo e caso o volume de fogo inimigo permita, dá a ordem de retraimento. É seguido pelo Gp Ap F.

**3ª SITUAÇÃO - O inimigo nos vê e nós não o vemos (emboscada inimiga)**

**TAI Ofensiva:**

(a) Nessa situação, tentaremos realizar um desbordamento com os elementos não engajados e uma contra-emboscada de flanco.
(b) O pessoal engajado pelo inimigo se abriga e responde com o maior volume de fogos possível. É lançado fumígeno imediatamente à frente da posição do inimigo para diminuir a eficácia de seus fogos.
© Componentes da frente da coluna de marcha que não estiverem engajados se abrigam e aguardam ordens.

(d) Componentes da retaguarda da coluna de marcha (caso a área de destruição esteja incluindo a porção anterior do pelotão) que não estiverem engajados organizam-se, a comando do adjunto de pelotão, e entram em linha ao lado da posição do inimigo, assaltando-o.
(e) Se a emboscada for muito à retaguarda do pelotão, o adjunto informa ao comandante por intermédio do rádio, ou de outro sinal convencionado, que não tem condições de assaltar. O pessoal da frente então toma os procedimentos de assalto. A ação é idêntica àquela realizada pela retaguarda.
(f) Ao início da contra-emboscada, os elementos engajados devem parar de atirar. O comando pode ser dado por intermédio de silvo de apito, à voz ou por outro sinal convencionado.
(g) Reorganização e perseguição do inimigo.

**TAI Defensiva:**

(a) A manobra será igual à adotada na TAI ofensiva. É importante ressaltar que, no caso de uma emboscada prevista pelo inimigo, mesmo sendo adotada uma TAI adequada, nossa possibilidade de sucesso será reduzida. Portanto, dá-se ênfase ao fato de que o melhor procedimento é não cair na emboscada.
(b) Os procedimentos são iguais aos da ofensiva, com as seguintes ressalvas:
- O GC que realiza a ação desbordante deverá evitar o engajamento decisivo com o inimigo, buscando apenas propiciar o desaferramento dos patrulheiros que se encontram na zona de matar. O volume de fogo inimigo indicará o momento de deter o movimento; e
- A ação desbordante terá como consequência a divergência dos fogos inimigos em duas direções distintas. Desta maneira, ao pessoal engajado será possibilitado o desengajamento nas melhores condições possíveis. O lançamento de fumígenos entre o pelotão e o inimigo é fundamental.
- Retraimento descentralizado por GC ou esquadra.
(c) reorganização no último ponto de reunião no itinerário.

## 10. PATRULHA EM ÁREA URBANA

As patrulhas de reconhecimento e/ou de combate, em áreas urbanas, são empregadas em operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), nas ações de combate convencional e nas missões que visam à anulação da vontade de combater do invasor no contexto do Combate de Resistência.

A preparação da patrulha deve ser, além de técnico-profissional, material e psicológica, pois as ações são, normalmente, junto à população. Deve-se estar preparado para enfrentar um oponente (força adversa ou o inimigo) oculto e/ou homiziado.

O emprego de helicópteros deve ser criterioso, considerando-se a mobilidade, o poder de fogo, o desgaste da tropa e as possibilidades do inimigo. A sofisticação dos armamentos e equipamentos podem configurar um diferencial no combate urbano, agregando poder de combate à tropa.

As ações da patrulha deverão ser perfeitamente coordenadas por meio de linhas de controle, pontos de controles, tempo e espaço percorrido. O equipamento de comunicações deve atender às necessidades da missão e às possibilidades do inimigo quanto à guerra eletrônica (BRASIL, 2004a).

### 10.1 Patrulha de Reconhecimento:

O principal objetivo da missão de reconhecimento em área urbana é a busca de dados sobre o terreno e o inimigo, que integrada às condições meteorológicas, constitui os Elementos Essenciais de Inteligência (EEI) e Outras Necessidades de Inteligência (ONI).

Os EEI serão solicitados pelo escalão superior e as ONI são levantadas pela patrulha durante a etapa de planejamento e preparação para a missão. A obtenção de dados deverá ser alvo de minucioso planejamento e criteriosa execução.

A patrulha conduz, preferencialmente, fuzis de assalto, metralhadoras leves, submetralhadoras e/ou pistolas visando à segurança contra possíveis ações do inimigo ou de força adversa. Emprega, ainda, armamentos e equipamentos não-letais. A utilização de armas pesadas e de maior calibre dificulta o cumprimento da missão e aumenta a possibilidade de a população civil ser atingida, caso haja troca de tiros.

A patrulha deve ser constituída com efetivo variado, prevalecendo a atuação em pequenos efetivos (GC). Os deslocamentos a pé ou em viaturas serão pré-determinados, buscando primordialmente colher dados acerca da atividade inimiga.

Atenção especial deve ser dada para locais de concentração de tropa e alvos compensadores. A patrulha ocupa um posto de observação a fim de monitorar alvos específicos ou atividades do inimigo dentro de uma determinada área, ponto ou itinerário (BRASIL, 2004a).

### 10.2 Patrulha de Combate:

O efetivo da patrulha é variável em função da missão e da amplitude das ações a serem desencadeadas. Elementos da Polícia Civil, Militar e/ou Federal podem integrá-la. O equipamento e o armamento serão variáveis, principalmente, em função da missão a ser cumprida. Viaturas blindadas são largamente empregadas em ações de patrulha em área urbana (BRASIL, 2004a).

Missões de combate mais comuns:

(1) Resgate ou captura de pessoal e/ou material.
(2) Destruição de alvos selecionados.
(3) Emboscadas a alvos significativos.
(4) Neutralização de autoridades civis e/ou militares inimigas.
(5) Interdição de pontos sensíveis ou bloqueio de vias de acesso.
(6) Ataque a redutos ou locais de reunião de elementos inimigos.

### 10.3 Emprego do caçador:

Ao cumprir missões em área edificada, a dupla caçador-observador de uma patrulha goza de grande flexibilidade e iniciativa, devendo ser imperceptível às medidas de contra-inteligência do inimigo, por meio do correto emprego das técnicas de camuflagem e progressão.

Equipes de caçadores aéreos são equipes organizadas com armas e equipamentos especiais, transportadas por helicóptero, utilizando a mobilidade e a potência de fogo proporcionadas pela aeronave a fim de atingir alvos que afetem o moral das forças inimigas ou adversas.

Alvos compensadores, como líderes, viaturas, armamentos e munições do inimigo, além dos locais de reunião em áreas abertas ou edificadas, são previamente levantados de acordo os dados disponíveis. Tais alvos recebem fogos da aeronave ou de pontos selecionados onde as equipes são desembarcadas. O resgate das equipes é feito imediatamente após a ação (BRASIL, 2004a).

O caçador (BRASIL, 2004a)

## 11 EMBOSCADAS

Existem dois tipos de emboscadas urbanas: as deliberadas e as de oportunidade. Tais emboscadas podem exigir adaptações, decorrentes da área urbana e das características do inimigo ou da força adversa.

Emboscada deliberada: Quando as informações existentes forem inadequadas, pode-se estabelecer diversas emboscadas deliberadas ao longo de prováveis vias de acesso ou retraimento. Quando se dispõe de informações adequadas, uma única emboscada deve ser estabelecida, num determinado ponto da via de acesso ou de retraimento.

Emboscada de oportunidade: O adestramento dos homens, os ensaios e a iniciativa são importantes para o êxito neste tipo de ação. A patrulha poderá receber a missão de se deslocar para determinada área, selecionar um local e emboscar alvos compensadores.

O local da emboscada deve limitar os movimentos do inimigo e possibilitar o mínimo de vias de fuga. Os prédios das imediações não devem permitir o homizio. Se necessário, interditá-los.

A organização em dois escalões, de segurança e de assalto, com seus respectivos grupos é comum à toda força de emboscada, assim como suas missões específicas (BRASIL, 2004a).

**Escalão de segurança:**

Protege o escalão de assalto e barra as vias de acesso possíveis de serem utilizadas pelo inimigo para reforçar os elementos emboscados. Cumpre sua missão em local coberto e abrigado e com facilidade de escoamento motorizado. Localizado entre a área da emboscada e o destino do alvo. Se a situação exigir, o escalão de segurança poderá cobrir a retirada do escalão de assalto.

**Escalão de assalto:**

Tem a missão de neutralizar ou capturar o inimigo, procurando atuar dentro da área de destruição da emboscada. Os grupos de bloqueio recebem missões específicas, como bloquear à frente e à retaguarda da área de destruição. Poderão utilizar obstáculos móveis, transportados em viatura para o estabelecimento de barreiras.
Em função do valor do inimigo a ser emboscado, poderá haver um elemento reserva, que ficará em condições de reforçar a ação dos escalões.

O comandante da patrulha, normalmente, situado no grupo de assalto, determina o início das ações, por sinal ou gesto combinado. O inimigo reagindo, o grupo de assalto atuará com gases, ação de choque ou outros meios mais violentos até dominá-lo. Uma equipe de busca, pertencente ao grupo de tarefa essencial, revista e identifica os prisioneiros, realizando, também, a prisão de líderes ou chefes, conforme a situação. A equipe de busca recolhe cartazes, armas e outros materiais, fazendo a limpeza da área.

Emboscada em área urbana (BRASIL, 2004a).

Deve-se sempre colocar armas automáticas em posição favoráveis à execução do tiro, prevendo a reação do inimigo pelo fogo. O equipamento empregado é específico para inimigo, seja a pé ou motorizado. Normalmente, se empregam de imediato as armas automáticas. Quando a emboscada for para elemento infiltrado em grupo de manifestantes, empregar meios para separar o objetivo (alvo) da massa humana.

Mesmo em missões de curto alcance, prever equipamentos e munições sobressalentes, caso haja mudança no planejamento ou interferência do inimigo/ força adversa (BRASIL, 2004a).

## 12 INFILTRAÇÃO A EDIFICAÇÕES:

A abordagem das edificações é fase mais crítica de uma progressão, momento em que ocorre o maior número de baixas no combate urbano. Deve-se prever a utilização de granadas fumígenas para cobrir a infiltração.

Raramente são empregados pelotões independentes nesse tipo de operação, no entanto, é possível que as tropas fiquem isoladas nesse ambiente. Sendo de grande importância a coordenação e o controle das patrulhas e imprescindível o emprego de sinais convencionados, como, por exemplo, a padronização do sinal de “casa limpa” a fim de que o inimigo ou força adversa não utilize o mesmo sinal para iludir a patrulha.

O edifício deve ficar isolado para evitar fuga ou reforço do defensor. O inimigo deve ser pressionado com carro de combate (CC) e fogos de Metralhadora. O Pelotão deve entrar pelo ponto menos defendido ou através de um buraco feito por elementos do apoio de fogo, e, então, vasculhar o edifício (BRASIL, 2006b).

Dessa forma, o assalto terá três fases:
1) Isolamento do edifício;
2) Entrada no edifício; e
3) Vasculhamento do edifício metodicamente, cômodo por cômodo, andar por andar

Se um Pelotão estiver atacando independentemente um edifício, ele deve ser organizado em um elemento de assalto (Elm de Ass), um de apoio de fogo e um de segurança para cobrir flancos e retaguarda. Atentar para as medidas de proteção QBN, caso o inimigo disponha desse tipo de artefato. A condução de armamento anticarro deve ser prevista, pois há a possibilidade de emprego de viaturas blindadas pelo inimigo/força adversa.

Considerando que a técnica de limpeza de edificações deve ser realizada de cima para baixo, é necessário prever a condução de equipamentos de escalada (ascensor, corda estática, mosquetão, freio em oito) e explosivos para facilitar a entrada da patrulha.

O uso de granadas de mão e de bocal são de suma importância no combate em área edificada, evitando-se mortes desnecessárias no interior das casas com a limpeza dos cômodos ou neutralização das resistências nas lajes. É necessário prever, sempre que possível, a condução de armamento antiaéreo portátil, pois são extremamente eficazes contra o apoio aéreo inimigo. A ocupação das lajes das casas facilita o apoio de fogo.

A observação em esquinas deverá ser feita pelo militar deitado, sendo que a utilização de espelhos proporciona proteção para a localização do inimigo fortificado. Ao atirar de dentro das edificações, o patrulheiro não deve deixar o cano da arma aparente e sempre atentar-se para a existência de portas e janelas armadilhadas (BRASIL, 2004a).

A progressão em área edificada requer habilidade e treinamento específico. Para reduzir a exposição ao fogo inimigo, o militar deve evitar expor sua silhueta e progredir o mínimo em áreas abertas. Deve-se escolher a posição coberta mais próxima antes de progredir. Em todos movimentos táticos, devem ser buscados o sigilo, a dispersão, a segurança e a simplicidade, condições fundamentais à sobrevivência do combatente (BRASIL, 2006b).

Progressão em área edificada (BRASIL, 2006b)

## 13 TÉCNICAS DE OBSERVAÇÃO:

### 13.1 Olhar americano:

Consiste em realizar observações de uma posição mais baixa. Para isso, o observador deverá posicionar-se atrás de um anteparo e deitar-se no chão. Com o auxílio das mãos e dos pés, ergue o seu corpo, o suficiente para deixa-lo sem contato com o solo, e o projeta em um movimento baixo e rápido. A observação deverá ser rápida e eficiente, pois a demora pode denunciar a posição de quem observa. O armamento deverá ser posto no chão, ao lado do corpo, e a silhueta do combatente não deverá ser projetada além do anteparo para não denunciar a sua posição (BRASIL, 2006b).

Olhar americano – Manual de instrução (BRASIL, 2006b)

### 13.2 Olhar israelense:

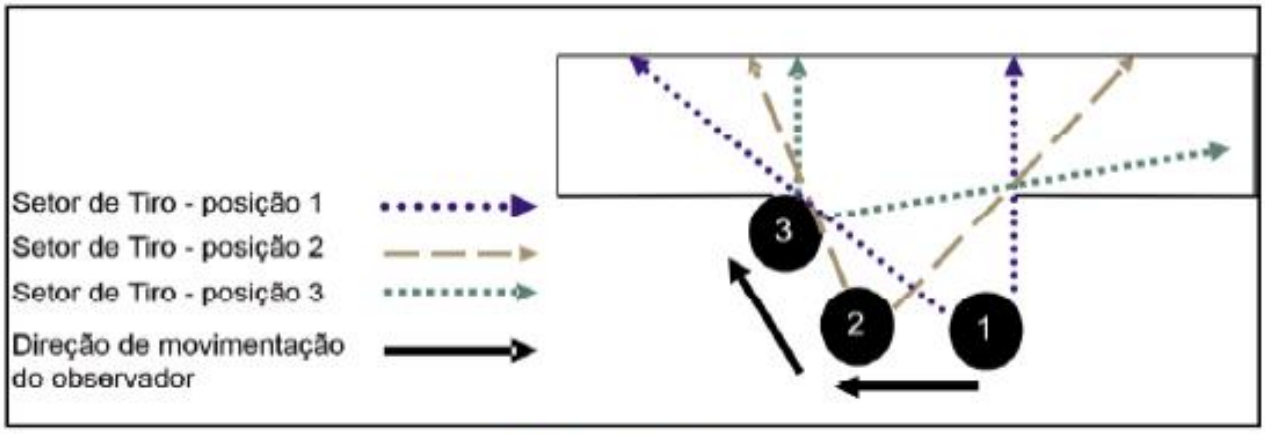
Outra técnica que visa minimizar a exposição durante o ato de observar. Uma vez posicionado atrás de um anteparo, o observador não deverá realizar duas observações de uma mesma posição. Após realizar a primeira observação, o combatente deverá escolher um local diferente do anterior, sem trocar de anteparo, modificando a altura de onde irá observar (BRASIL, 2006b).

Olhar Israelense – Manual de instrução (BRASIL, 2006b)

### 13.3 Observação por faixa ou “fatiar a torta”:

Utilizada quando o inimigo está próximo do atirador e o contato é iminente. Com o fuzil na posição de tiro, o observador deverá apontar a sua arma para a quina da porta através da qual deseja observar. Essa quina servirá de eixo sobre o qual o observador deverá realizar um movimento lento e circular, de forma que possa observar à frente de maneira gradativa, até visar o lado oposto do recinto.

O observador deverá inclinar seu tronco na direção em que realizará seu deslocamento, evitando que seus pés fiquem expostos, para observar o inimigo sem que este o observe. Em seguida, avançará e atirará sobre o mesmo (BRASIL, 2006b).




Esquema 2.6 a

Observação por faixa (BRASIL, 2006b)

### 13.4 Observação com espelho:

Possibilita a observação sem que haja necessidade de exposição da silhueta ao fogo inimigo.

Observação com espelho (BRASIL, 2006b)

### 13.5 Varredura dinâmica:

Permite que um cômodo seja observado por apenas 01 (um) atirador, o militar apoia as placas do guarda mão do seu Fuzil na porta, realizando um movimento, na direção que lhe permita vasculhar todo o compartimento.

## 14 PROGRESSÃO:

Em geral a progressão em ambiente urbano ocorre em ruas estreitas, com edificações bilateralmente, sendo toda construção possível abrigo inimigo. As janelas devem ser evitadas e contornadas, pois pode haver atirador dentro da construção (BRASIL, 2006b).

Se possível, as portas não devem ser usadas para entrada ou saída, pois normalmente são locais cobertos pelo fogo inimigo. Caso necessário usar uma porta, deve-se executar a progressão rapidamente até a próxima posição coberta, com a silhueta baixa e coberta por fogos (BRASIL, 2006b).

Os militares não devem usar o interior das construções como itinerário de progressão, que deve ocorrer pelo exterior das construções. O uso de fumígeno e fogos facilita o movimento, por proporcionar cobertura e por obrigar o inimigo a abrigar-se, dificultando o seu fogo. O deslocamento deve ser feito o mais paralelo possível das construções, em silhueta baixa, a fim de evitar fogo inimigo e tornar-se-á difícil a observação dos Observador Avançado (OA) de Artilharia (Art) inimiga sobre os elementos que progridem (BRASIL, 2006b).

Devem ser evitadas áreas abertas, como ruas e parques, pois são alvos das armas coletivas inimigas. Se for imprescindível, a travessia pode ser executada de forma segura com aplicação de certos fundamentos (BRASIL, 2006b):

- Escolher um itinerário aberto para a sua progressão. Granada fumígena ou espargidor de fumaça devem ser usados para ocultar a progressão. Devem ser executados lanços curtos e rápidos, reduzindo-se o tempo de exposição do combatente ao fogo inimigo.
- Antes de progredir para outra posição, o combatente deve fazer um reconhecimento visual e selecionar a posição com melhor abrigo ou coberta. Ao mesmo tempo, deve escolher o itinerário que o levará a conseguir atingir aquela posição.

Ao progredir deve-se ter cuidado de não cruzar a linha de tiro do combatente que esteja lhe proporcionando cobertura. Quando alcançar a próxima posição, deve estar preparado para dar cobertura à progressão do restante da fração. Ao chegar na próxima posição, o militar deve estar com a arma no cavado do ombro e em condições de atirar.

## 15 POSIÇÕES DE TIRO:

O sucesso ou fracasso de uma operação dependerá da precisão de tiro individual dos combatentes e da habilidade de ocultar-se do inimigo, reduzindo ao mínimo a sua exposição para combater pelo fogo. Por conseguinte, o militar deve buscar imediatamente e corretamente usar as posições de tiro (BRASIL, 2006b).

### 15.1 Posição Inopinada:

A posição de tiro geralmente é inopinada, isto é, aquela ocupada no ataque ou nas fases iniciais da defesa na qual o militar pode alvejar o inimigo enquanto usa a coberta disponível para proteção contra o fogo inimigo. O militar pode ocupar essa posição voluntariamente ou pode ser forçado a fazê-lo em função do fogo inimigo. Em ambos os casos, a posição não estará preparada antes da ocupação. Locais que podem ser posições de tiro inopinadas mais comuns em uma área edificada e as técnicas para ocupa-la são:

#### 15.1.1 Esquinas de construções:

O atirador, seja destro ou canhoto, deve ser capaz de atirar com a sua arma apoiada em ambos os ombros, para poder usar eficazmente a esquina.

Um erro comum é um atirador destro tentar atirar com a arma no cavado do ombro direito, quando se encontra no canto esquerdo (depende da direção de tiro) de uma edificação. O combatente deve ser treinado para se adaptar à cobertura e ao abrigo, habituando-se a atirar com a coronha do Fuzil apoiada no cavado do ombro oposto ao que usa normalmente.

Outro engano comum no tiro de uma extremidade de construção ou esquina é adotar sempre a mesma altura para realizar o tiro, permitindo ao inimigo ajustar a sua pontaria e aumentando o risco de ser alvejado.

### 15.1.2 Atrás de um muro:

É um erro comum atirar sobre a parte de cima do abrigo, expondo a silhueta e proporcionando ao inimigo um alvo fácil. A técnica correta para atirar de uma posição coberta é usar a lateral da cobertura, reduzindo a exposição ao inimigo.

### 15.1.3 Janelas:

Em edificações, fornecem posições práticas para o tiro, no entanto, o militar deve estar afastado da janela de forma a não permitir que a luminosidade do disparo seja vista, e se possível agachado para limitar sua exposição. Especialmente à noite, deve-se evitar ao máximo realizar disparos de uma mesma posição, haja vista que na escuridão o inimigo nos localiza mais facilmente por causa do clarão do disparo.

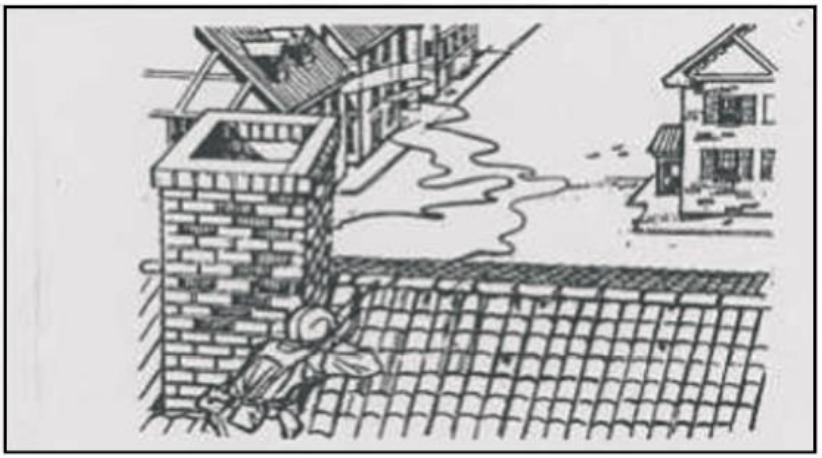
### 15.1.4 Seteiras:

Seteiras são buracos ou brechas na parede, que podem ser usadas para se evitar o uso das janelas. Deve-se ficar bem atrás da seteira, para que o cano da arma não ultrapasse a parede ocultando o clarão do disparo.

Posição seteira (BRASIL, 2006b)

### 15.1.5 Telhado:

O posicionamento no cume de um telhado proporciona uma boa posição de tiro para caçadores, pois aumenta a profundidade do campo de visão para identificar os alvos. Uma chaminé ou qualquer outro objeto que se projete no telhado de uma construção pode reduzir a área exposta do atirador.



Posição telhado (BRASIL, 2006b)

### 15.1.6 Sob fogo inimigo:

Nessa condição, deve-se expor o mínimo possível. Em área aberta entre construções (rua ou beco), em que esteja o fogo inimigo venha de uma das construções à sua frente, e não existindo posição coberta disponível, o militar deve rastejar (engatinhar, correr) o mais próximo do chão possível na direção de uma construção que esteja do lado da área aberta de onde estão sendo executados os fogos do inimigo, forçando o inimigo a sair da sua posição coberta e se expor ao nosso fogo.

## 15.2 Posição preparada:

Com preparo prévio da posição de tiro devemos proporcionar o maior campo de visão para mirar o alvo e proporcionar a menor exposição possível ao fogo inimigo. Devemos seguir algumas regras para escolha e ocupação das posições de tiro individuais:

1) Uso máximo de cobertas e de abrigos disponíveis;
2) Evitar parte mais alta de uma cobertura; quando possível, dispare ao seu redor;
3) Evitar expor a silhueta e se camuflar aproveitando a construção em que se encontra;
4) Escolher próxima posição de tiro antes de deixar uma antiga;
5) Não ocupar apenas uma posição, variar janelas e seteiras com ou sem barricadas;
6) Manter-se o mínimo de tempo em exposição à vista e fogos inimigos;
7) Melhorar a posição rapidamente, logo depois da ocupação;
8) Usar material de construção para preparação das posições, as quais são facilmente aproveitáveis em uma área edificada;
9) Lembrar-se de que a proteção no nível do chão não protege contra o inimigo localizado nos andares mais altos.

### 15.2.1 Barricadas em janelas:

O tiro através de janelas pode ser aperfeiçoado com o preparo de uma barricada, mantendo pequena abertura para o atirador. Devemos variar as janelas para dificultar a identificação pelo inimigo, além de ser útil se posicionar mais afastado. A janela deve manter seu formato original e o uso de sacos de areia atrás da parede e debaixo da janela vão aumentar a proteção para o atirador. Todo o vidro deve ser removido da janela para evitar danos ao atirador.

Barricadas na janela (BRASIL, 2006b)

### 15.2.2 Seteiras fortificadas:

Alternativa obrigatória à uma janela, pode ser criada com a abertura de pequeno orifício na parede, que permita ao atirador visualizar seu setor de tiro. Quanto mais seteiras criadas, maior o campo de visão e a dificuldade do inimigo em identificar o atirador. Assim como nas janelas, essa posição deve ser protegida por sacos de areia, pedras ou móveis improvisados, de modo que proteja o atirador.

Seteira fortificada (BRASIL, 2006b)

### 15.2.3 Posição de caçador:

Tem como base uma chaminé ou outra estrutura. Parte do material da cobertura é afastado, permitindo ao caçador atirar ao redor da chaminé. Deve estar de pé em uma plataforma, ficando somente com sua cabeça e ombros sobre o telhado (atrás da chaminé). Sacos de areia dos dois lados protegem os flancos do atirador.

Se não houver estrutura para proteção a posição do caçador deverá ser preparada abaixo do telhado. A posição é reforçada com sacos de areia e um pedaço pequeno do telhado deve ser removido para permitir ao caçador observar os objetivos do seu setor. Devem ser removidos outros pedaços do telhado para enganar o inimigo sobre a verdadeira posição do caçador.

Posição do caçador (BRASIL, 2006b)

### 15.2.4 Espaldões de Metralhadora (Mtr):

Apesar da pouca precisão, pode ser necessário o emprego da Mtr. Se a zona de ação tiver veículos destruídos, escombros e outros obstáculos que restrinjam os campos de tiro, a arma deverá ser elevada a andares superiores para que possa atirar por cima de obstáculos através de seteiras.

A Mtr pode ser empregada em qualquer lugar, no entanto, portas e janelas devem ser evitadas, pois o inimigo normalmente as observa e irá identifica-la rapidamente devido ao clarão que os tiros contínuos promovem. Qualquer seteira aberta em paredes pode ser usada, mantendo, porém, as metralhadoras dentro da construção na parte escura (BRASIL, 2006b).

Espaldões de Metralhadora (BRASIL, 2006b)

**15.2.5 Armas AntiCarro (AC):**

Como peculiaridade deve-se tomar cuidado com as áreas de sopro, selecionando posições que permitam seu escoamento, como aposentos com janelas opostas, onde a munição atravessa uma janela e o sopro escapa pela outra.

Vários princípios de emprego das armas AC têm aplicações universais, como: máximo da coberta disponível, o apoio mútuo e deixar livre a área de sopro.

Ao atirar para cima, o ângulo entre o tiro e o chão não deve ser maior que 20º e, se dentro de uma construção, a área deve medir no mínimo 30 por 45 metros, estar limpa de escombros e objetos soltos e possuir janelas, portas ou buracos nas paredes, para que o sopro escape (BRASIL, 2006b).

Arma anticarro (BRASIL, 2006b)

## 16 ARMAS E MUNIÇÕES IDEAIS

Nas operações de cerco e ocupação de favelas na década de 1990 e início da década de 2000, sempre pairava uma pergunta nos quartéis: Será que o armamento e equipamento planejado e confeccionado para ser empregado em um ambiente específico de Guerra Convencional poderia ser utilizado, também, nas operações urbanas de defesa interna (NETO, 2020).

É evidente a necessidade de armamento de alto poder de fogo, como os fuzis automáticos leve (FAL), visto que a força adversa, O Crim, se arma cada vez mais, no comércio ilegal de armas contrabandeadas do interior e exterior do país. Tais armamentos contrabandeados possuem calibre de uso exclusive das Forças Armadas, 5,56mm, 7,62mm, .40 pol e .50 pol, dentre as principais (COSTA, 2012).

Conforme o Exército vem sendo empregado em operações de GLO ou subsidiários, atuando em ambientes urbanos, edificados, de elevada densidade demográfica, de caráter majoritariamente civil, na presença de abrigos e coberturas de baixa qualidade de infraestrutura, que geram baixa proteção em meio à tiroteios, torna se evidente a necessidade de um estudo pormenorizado que vise atenuar possíveis danos colaterais da sua principal ferramenta de trabalho: o armamento (TSCHAIKOWSKI, 2020).

Um projétil de 7,62 mm atravessa sem resistências as paredes de alvenaria sem rebocos, usualmente encontradas nas casas das comunidades carentes. Tal fato toma proporções ainda maiores quando existem barracos construídos com lâminas de madeiras, compensadas ou aglomeradas ou até zinco (COSTA, 2012).

As ocorrências envolvendo “balas perdidas” em confrontos entre os meliantes e os policiais, numa invasão a uma favela dominada pelo tráfico, não são fatos raros. O criminoso, que defende uma base dentro da favela, atira indiscriminadamente e sem princípios para se defender. Se necessário for utiliza-se de vidas alheias para servir de escudo humano entre eles e a força legal a que se confronta. Normalmente se mantém uma base de fogos para impedir o acesso à favela e assim são realizados disparos contínuos sem alvos selecionados. Para sobrepor essa massa de fogos, a polícia responde também com base de fogos. E no meio deste campo de batalha estão as casas da comunidade, por muitas vezes com seus proprietários dentro (COSTA, 2012).

O Exército não pôde abrir mão de seu armamento característico, porém foi necessário estabelecer regras bem delimitadas para evitar que tragédias ocorressem envolvendo aqueles que devem ser os mais beneficiados neste tipo de operação, a população (COSTA, 2012).

As estatísticas apontam que no contexto de uma operação urbana, apenas 5% dos alvos que se apresentam, surgem além de 100 metros de distância e 90% encontram-se a uma distância de 50 metros ou menos. Os inimigos, em média, são engajados na faixa dos 35 metros (TSCHAIKOWSKI, 2020).

Nas operações de GLO, muitos dos militares são dotados de uma arma curta (pistola) e uma longa (fuzil). A arma longa tem maior poder de fogo, alcance e precisão, porém a arma curta, se mostrou mais eficaz. Devido ao baixo peso, boa empunhadura e rápido manuseio, estas armas são as que melhores se adequaram ao "*Close Quarter Battle"* -"CQB" (combate aproximado ao inimigo com armas pessoais de curto alcance em um ambiente confinado, até 30 metros). Possui também munição com dimensões reduzidas, facilitando o porte, inclusive velado, de acordo com as características da missão (TSCHAIKOWSKI, 2020).

Após diversos estudos e testes, chegou-se à conclusão de que os armamentos classificados como menos-letais seriam os mais adequados para uma situação de normalidade, numa segunda fase de patrulhamento interno, após o investimento na comunidade. Dessa forma, a aquisição de munição com balas de borracha, o spray de pimenta a granada de luz e som seriam mais ajustados para as atividades de rotina e teriam menor repercussão, numa eventual necessidade de emprego. O uso do colete tático e até de óculos filmadores, dentre outras, seriam uma inovação e respaldava as ações das patrulhas (COSTA, 2012).

Com relação à munição para a pistola em operações em áreas edificadas, dentro de um ambiente urbano, devemos considerar uma maior eficiência para incapacitar uma ameaça e um menor potencial de dano colateral à população, a chamada "letalidade seletiva" (TSCHAIKOWSKI, 2020).

As munições variam em seu calibre e tipo de ponta, distinguindo-se com relação ao poder de penetração e transfixação, energia e poder de expansão e poder de parada ou *"stopping power".* Dessa forma, uma munição de alto poder de expansão, ou seja, altamente incapacitante, porém com alto poder de parada, causando pouca transfixação e baixo efeito colateral é o que se busca para utilização no ambiente operacional em questão, gerando maior letalidade seletiva possível (TOCCHETTO, 2020).

O calibre mais indicado pela maioria dos especialistas para o combate urbano é o 9mm, por apresentar a melhor relação custo x benefício entre portabilidade, capacidade de munições, controle do recuo e eficácia no alvo, no entanto pouco afeta nos efeitos colaterais. Nesta questão, o ponto mais importante é o formato do projétil, sendo que o ogival, tanto a 9mm, quanto .40 e.45, apresentará maior risco de transpassar seus alvos e atingir o que está eventualmente atrás. Enquanto isso, as munições de ponta-oca, com alto poder expansivo, e baixíssima transfixação, em seus diversos modelos foram feitas para evitar danos colaterais (TOCCHETTO, 2020).

A compilação de dados permitiu identificar que em média em um combate envolvendo armas de fogo, os agentes de segurança pública acertam no máximo 30% dos projéteis disparados. Este estudo, juntamente com a relevância do local do disparo, torna evidente que um armamento com maior capacidade de disparos aumenta consideravelmente a chance do atirador de incapacitar imediatamente o

agressor, sendo por isso, mais útil uma munição de menor calibre que possibilite mais tiros do que outra de maior calibre que cause mais dano, porém menos disparos.

Somando-se todos esses fatores, pode-se concluir que as características técnicas da munição 9mm Gold Hex são as que melhor adequam-se ao combate em ambiente urbano. Com uma alta energia, uma vez que entrega o máximo de choque hidráulico, gerada por ocasião do disparo e pela garantia do mesmo não transfixar o alvo, ela descreve perfeitamente o conceito de letalidade seletiva, não expondo civis inocentes a danos colaterais. Tem como ponto negativo o valor elevado, mas que pode ser facilmente contornado ao se utilizar munições mais baratas para treinamento (TSCHAIKOWSKI, 2020).

## 17 CONCLUSÃO

O combate urbano possui peculiaridades que refletem desde o adestramento de tropas especializadas, planejamento tático e operacional, seleção de material bélico apropriado, logística e comunicação, otimização técnica de infiltração e progressão de tropas, até as técnicas de tiro pelas tropas especializadas. Sendo assim, devido ao cada vez mais usual acionamento das forças armadas para operações de Garantia da Lei e da Ordem, bem como Missões de Paz internacionais, faz se necessário o estudo e preparo de nossas tropas para que esteja sempre apta ao pronto acionamento para missões com maiores condições de êxito e segurança, tanto aos militares, quanto à população civil.

## 18 REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C.E.A.T. As principais contribuições das forças de paz do brasil no haiti para a evolução do exército brasileiro e aumento da projeção internacional brasileira, **ECEME**, 2018.

COSENDEY, F.R. A Aplicação das “Considerações Civis” na Força de Pacificação ARCANJO, **ECEME**, 2014.

IKEDA, A.H. Estudo dos Calibres de Munição para pistola adequados a operações em ambientes urbanos, **ESAO**, 2019

LAGOA, C.M.C. Combate em áreas edificadas aos baixos escalões. capacidades e doutrina, Mestrado em Ciências Militares na Especialidade de Infantaria, **Academia Militar, Lisboa**, 2016

MERGULHÃO, G.S. As contribuições estratégicas, para o Brasil, do emprego do Exército Brasileiro na Missão de Estabilização das Nações Unidas no Haiti, **ECEME**, 2018.

MINISTÉRIO DA DEFESA, EXÉRCITO BRASILEIRO, Caderno de instrução - Patrulhas, EB, Brasil, 2004ª

MINISTÉRIO DA DEFESA, EXÉRCITO BRASILEIRO, Manual de campanha - Processo de planejamento e condução das operações terrestres, EB, Brasil, 2014c

MINISTÉRIO DA DEFESA, EXÉRCITO BRASILEIRO, Manual de Fundamentos – Operações, EB, Brasil, 2014d

MINISTÉRIO DA DEFESA, EXÉRCITO BRASILEIRO, Manual de Campanha – Tiro de armas portáteis - Pistola, EB, Brasil, 2010e

MINISTÉRIO DA DEFESA, EXÉRCITO BRASILEIRO, Caderno de instrução - O pelotão de fuzileiros no combate em área edificada, EB, Brasil, 2006b

MUNIZ, J.P.B. Programa de Instrução Militar: Sua reformulação e a necessidade da inserção de um bloco de instrução de combate em ambiente urbano, face a realidade dos conflitos modernos, servindo de base para o bloco de instrução de garantia da lei e da ordem (GLO), **ESAO**, 2017.

NETO, L.M.C. Poder de penetração entre munições ponta ogival e ponta oca de pistola calibre 9x19mm em ambiente urbano, **Escola de Saúde do Exército**, Rio de Janeiro, 2020.

OLIVEIRA COSTA, C.A. Os aspectos relevantes da participação da Força Terrestre em Operações de Garantia da Lei e da Ordem, no conjunto de favelas do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro – Operação ARCANJO, **ECEME**, 2012.

OLIVEIRA E SILVA, L.G. As contribuições da atuação de tropas internacionais em combates urbanos contemporâneos para a evolução da doutrina militar terrestre brasileira em combates urbanos, em situação de guerra, TCC de Especialização em História Militar, **Universidade do Sul de Santa Catarina**, 2019

TOCCHETTO, D. Balística Forense – Aspectos Técnicos e Jurídicos, 10ª edição, **Millenium Editora**, 2020

TSCHAIKOWSKI, L. Estudo dos calibres de munição para pistola adequados às operações em ambiente urbano durante a intervenção federal no Rio de Janeiro em 2018, **ESAO**, 2020.